

MEMÓRIA, GESTO E FAZER: Como Processo De Adaptação E Persistência Na Feira Popular Da Levada

Aline N. B. **Ramos**, UFAL, aline__ramos@hotmail.com

Nathalia Feitosa **Barbosa**, UFAL, nathalia@tecdom.com.br

Heloise Hellen N. **Silva** UFAL, heloisehns@gmail.com

Resumo: As feiras populares em Alagoas vivem sob o signo da transformação sob ações constantes do poder público que buscam desarticular, fragmentar e deslocar as feiras tradicionais. De acordo com Hall(2003), essas “reformas” têm a cultura popular constantemente como foco, mas são nesses locais de tradição que se encontram os principais locais de resistência popular. Nestes embates e tensões que marcam o cotidiano e a história das feiras, cabe ao feirante a resiliência e a *tática* para se reorganizar. Utilizar essa *tática* é a forma de suprir suas necessidades, que por causa das suas restritivas condições econômicas apelam ao fazer manual. A prática manual, de acordo com Sennett(2015), compreende em seu processo o pensamento e o sentimento. Seguindo essa ideia, trazemos a compreensão das produções populares da feira através do elo entre a **memória, o gesto e o fazer**, utilizando dessa tríade, para ressaltar necessidade de apresentar o grupo popular como racional e autônomo expondo que as práticas são realizadas a partir de uma concepção reflexiva e de memória que apesar da ausência do embasamento teórico, se estrutura no conhecimento da problemática. Por fim, esse resumo engendra o debate da cultura material e sua produção, a partir da concepção da memória e gesto como etapas que o artifice popular percorre, mesmo que inconscientemente, até a atividade de confecção e finalização de seu produto evidenciando essa prática no espaço da feira da Levada.

Palavras-chave: manualidade. corpo. memória. inventividade. cultura popular.

Abstract:The popular fairs in Alagoas live under the signs of transformation through constant actions of the public authority that seek to disarticulate, fragment and displace traditional fairs. According to Hall (2003), these “reforms” constantly focus at the popular culture, and these places of tradition are the main places of popular resistance. In these tensions and conflicts that mark the daily life and history of fairs, it is up to the market trader the resilience and the tactics to reorganize. These tactics are the way to fulfill their needs, which because of its restrictive economic conditions appeal to the manual practice. This kind of practice, according to Sennett (2015), comprises in its process thinking and the feeling. Following this idea, we bring the understanding of the popular productions of the fair through the link between memory, gesture and making, using this triad, to emphasize the need to present the popular group as rational and autonomous exposing that practices are performed from a reflexive conception and memory, that despite the absence of the theoretical basis, is structured in the problematic knowledge. Finally, this summary engenders the debate of material culture and its production, from the making of memory and gesture as steps that the popular artifice goes through, even unconsciously, until the activity of making and completing its product, evidencing this practice in space from the Levada fair.

Keywords: manuality. body. memory. inventiveness. popular culture.

Introdução

As feiras e comércios informais encontram-se em constante mudança, tal status evidenciado na vivência e aproximação com esse espaço popular é decorrente das necessidades que cercam o grupo, ela podem ocorrer para a adequação às novas demandas, resolução de problemas cotidianos e também por aspectos externos que impõem alterações ao espaço e ao grupo, esses são resultantes das imposições do poder público.

A mudança como característica cotidiana, foi observada também por Almeida (s/ano) e descrita no seguinte trecho: “As feiras[...] são dinâmicas. A apropriação do espaço pelos feirantes está em contínua transformação. Elas crescem e se retraem, penetram em ruas,[...] Podem, ainda, transformar suas espacialidades de acordo com as novas necessidades da sociedade”(ALMEIDA,s/ano.p.3). A autora que elucida essa característica presente em feiras populares, também trabalha com a área de comércio popular da Levada e expõe, como demonstrado acima, alguns dos artificios e estratégias populares como a apropriação de espaços, a expansão para novas ruas e a mudança de produtos, que são práticas comuns de reorganização das feiras e podem ser observadas no bairro da Levada.

Assim como a autora, foi percebido durante a aproximação do grupo a qual pertencemos com a região de feira e comercio informal do bairro da Levada em Maceió-AL que ocorreu no período de 2018/2019, tanto com observações in loco quanto através de pesquisas e entrevistas, diversas transições e adequações impostas aos comerciantes locais, as mudanças no trânsito e realocação de bancas são as mais recentes, elas tiveram como finalidade a melhoria da mobilidade urbana, com a implantação do VLT e da estação no bairro. No entanto, tais mudanças não são ao todo positivas, as mudanças no tráfego do bairro modificaram o fluxo de diversas vias prejudicando alguns dos comerciantes em que sua localidade teve acesso dificultado, colocando a atividade comercial daquele comércio em desvantagem. Neste cenário, ao encontrar-se em situação desfavorável cabe ao feirante persistir e adaptar seu ofício a nova problemática.

Desse modo, torna-se necessário expor que por vezes as alterações ocorrem de maneira impositiva aos trabalhadores locais e não os beneficiam o que torna sua rotina mais árdua, isso se tornou evidente durante o processo de entrevista no qual pudemos identificar se as primeiras percepções coincidem com a memória e percepção dos feirantes, ao perceber a frustração e o sentimento de desvalorização do grupo foi percebido que a mutabilidade, apropriação de novas vias e a mudança dos produtos vendidos são formas de **persistência** e

de **tática**. Sendo assim, percebe-se que ambas são estratégias necessárias no embate das ações, em sua maioria do setor público, que buscam desarticular, fragmentar e deslocar-las.

Visto isso, infere-se que a longevidade da prática da feira encontra na *tática* e nas *artes de fazer* a possibilidade de vitória em meio as desvantagens frequentes, elas:

são modos de usar, e portanto desprovidas de ideologias ou de instituições próprias, obedecem a regras. [...] Por esse prisma, a 'cultura popular' [...] se formula essencialmente em 'artes de fazer' isto ou aquilo, isto é, em consumo combinatórios e utilitários. Essas práticas colocam em jogo uma ratio 'popular', uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar.(CERTEAU,1998. p.42)

O autor também evidencia que a *tática* é a maneira de usar do sistema imposto, de jogar e alcançar vitórias no jogo desigual em que se encontram, é um modo de agir que contorna a desigualdade social e a restrição econômica utilizando de sabedoria e estratégia que costumam ser vista como trampolinagem, resultante da marginalização em massa que atinge o grupo popular. Essa desvalorização da cultura popular resulta na dicotomia entre o popular e hegemônico que imputa um caráter de inferioridade a tudo que está fora do considerado como dominante.

Essa visão afeta os grupos populares de forma que suas características, costumes e cultura são constantemente objetos de reforma, neste contexto Hall (2003) insere que apesar da marginalização, as tradições e a forma de vida popular persistem, no entanto o autor relata que elas sofrem modificações nas suas relações com o cotidiano dos trabalhadores.

Para o autor (HALL, 2003) a cultura popular se expressa nas formas e atividades que são relacionadas às condições sociais e materiais, estruturando-se em torno da realidade socioeconômica em que o grupo se localiza, essa definição busca englobar as alterações e reformulações da cultura ocorrida por meio do tempo e do embate cultural. Ao englobar a modificações como parte integrante da cultura, o autor indica que as conceituações que promovem a autenticidade e a tradição como elementos essenciais a cultura não consideram os embates, a influência da cultura dominante.

Na feira da Levada, escolhida para a pesquisa, a prática da feira é elemento tradicional do bairro que carrega a identidade popular, de seu grupo produtor, e se torna identitária ao bairro devido a sua importância e longa permanência no local, é atividade marcante pelo caráter popular, no entanto assim como discutido por Hall (2003) sofre modificações constante em decorrência ao tempo, das alterações advindas da pós modernidade e das

mudanças necessárias a sua durabilidade, essas características como será exposto estão presentes na memória e em etapas da atividade comercial.

Para elucidar as modificações da feira, encontramos em Almeida (s/ano), observações das alterações dos produtos vendidos na feira do bairro após o Ceasa-AI ter sido realocado para parte alta de Maceió, ela insere que “A busca pela comercialização de outros produtos é uma condição para que a feira permaneça. A adaptação é resultado de uma persistência para que a permanência seja assegurada. O que é perene numa feira não é o que ela comercializa e sim sua função social”(ALMEIDA, s/ano. p.5). Essa alteração do comércio popular da Levada que foi de grande importância para estado e hoje vivencia um período de desvalorização, evidência como o grupo se articula e persiste em meio das alterações que interferem diretamente no modo de vida do grupo. Neste sentido percebemos que a tradição contida na prática da feira sofreu alterações, no entanto estas alterações são necessárias a manutenção da prática, manter um comércio voltado a artigos de subsistência que são perecíveis, ou seja, que estragam com facilidade e que necessitam de uma logística de compra e venda entre dois bairros distantes não foi viável para parte dos feirantes, o que resultou de acordo com a autora na mudança dos artigos vendidos no local.

Com novas necessidades, é necessário ao grupo estratégias e táticas para suprir a escassez e se adequar às mudanças do comércio, contudo as condições econômicas do grupo resultam no uso da manualidade para a rápida resolução das demandas práticas. A prática manual popular parte da criação mediada pelo aspecto de restrição, na qual o artífice popular (feirante) utiliza de materiais e ferramentas que são acessíveis a ele, essa prática contorna o modo de produção industrial formal é definida por Bouffleur (2006 e 2013) como gambiarra. Essa produção parte da utilização de recursos próprios e do improviso com os materiais e recursos ao alcance do construtor, essa “utilização de ferramentas imperfeitas ou incompletas leva a imaginação a desenvolver essas capacidades necessárias para reparar e improvisar” (SENNETT, 2015. p.21). Investigar a “gambiarra” e o fazer popular realizados na feira, insere-se no estudo da cultura material que como exposto por Sennett (2015) busca compreender “o que o processo de feitura das coisas concretas revela a nosso respeito”, evidenciando os valores sociais, religiosos e políticos contidos no ofício e em sua produção (SENNETT, 2015. p.18).

No entanto, cabe ressaltar que no presente resumo buscamos expor a prática manual como uma das etapas da resolução de problemas populares, sendo essencial a persistência do

grupo na feira. Deste modo, compreender o fazer de forma ampla, que de acordo com Sennett tem o sentimento e o pensamento como parte da produção manual, indicamos que há um aspecto intangível na produção material. Ou seja, presente trabalho parte deste pressuposto e percebe no fazer manual a possibilidade de compreender a cultura material popular a partir da concepção de que seu “projeto” passa por etapas de *memória e gesto*, o que resulta em uma compreensão da cultura do grupo que engloba aspectos de memória, história, a corpografia, manualidade e cultura material, buscando evidenciar que a memória e gesto estão intrínsecas nas etapas que o artífice popular percorre, mesmo que inconscientemente, até a atividade de confecção e finalização de seu produto evidenciando essa prática na feira da Levada.

A memória e a feira

A escolha do termo memória para o presente trabalho insere a perspectiva cultural ao fazer, já que de acordo com Bosi (2003) a memória diferente da história, é moldado pela cultura e pelas experiências individuais, isto corrobora com nossa investigação acerca da cultura material da feira, pois desse modo a memória pode contribuir elucidando os valores sociais contidos no produção da feira. Além disso, segundo a autora a história pode ignorar detalhes que fazem parte da construção daquele contexto, ademais o passado recente não é observado adequadamente e por isso as conquistas que a massa popular da feira faz acontecer podem não ser integradas a história.

Um dos objetivos na inserção da memória como elemento da atividade construtiva é o recolhimento da história oral, através das narrativas dos feirantes. Para Bosi (2003) a memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano. Baseando-se nesse pensamento, o eixo memória resgata detalhes que não fazem parte da história escrita, onde a cultura popular tem sua história e seu passado recente excluídos do enredo que constituem o processo de construção da Feira da Levada. A história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta dos relatos individuais que se escondem atrás dos episódios (BOSI, 2003).

As narrativas e entrevistas orais permitiram o entendimento detalhado da construção pessoal de cada indivíduo, cada objeto, mobiliário, gambiarras ou um elemento construído tornam a memória fator importante para a percepção da feira. Neste sentido, percebe-se que os *objetos biográficos* compõem o cotidiano do comércio popular e de sua memória, estes objetos diferentes dos *objetos de status*, que expõe os modismos, inserem aos artigos um caráter intangível que abarca a memória de seu dono. De acordo com Bosi “Quanto mais

voltado ao uso cotidiano mais expressivos são os objetos; os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam” (Bosi, 2003.p.26), tais objetos analisados pela sua durabilidade e simbolismo que o homem insere a ele a possibilidade de representar a memória.

A banca e barracas, partindo da ideia de *objeto biográfico* conta não apenas as alterações construtivas, como seu desgaste e adição de mecanismos e ferragens, mas insere a memória em remeter que esse determinado desgaste é resultado, por exemplo, do deslocamento daquela banca que se fixava a margem do trilho do trem, ou que a adição de novo mecanismo ou ferragem (como pregos e ganchos) deve a atual dificuldade de vendas e tal mudança se faz necessária ao feirante para inserir o novo produto em parte visível de seu comércio. Isso insere a banca, a barraca de feira, o carrinho de mão e tantos outros objetos o aspecto da memória e insere, assim como descrito pela autora, seu desgaste e suas mudanças como resultado da interação homem-objeto.

No entanto, os *objetos biográficos* também englobam os objetos relacionados ao ofício, que além do viés da memória estas ferramentas, máquinas ou aparelhos, de acordo com Flusser (2007) busca realizar a atividade humana imitando e ampliando a possibilidades humanas, neste sentido, o autor vê na ferramenta uma extensão do braço e do corpo, inserindo o corpo e o movimento (gesto) na atividade produtiva que utiliza daquela ferramenta. A feira se mostra como um espaço vivo, justamente por esse centramento da memória, obtida pelas pessoas que constituem o lugar, que constroem modos de vivências ali e permeiam sua história com base nos saberes advindos de geração em geração, que gera uma tradição cultural muito forte tanto para suas famílias quanto dos saberes e da produção local.

Entretanto vale ressaltar que a história oficial e registrada não pode ser inferiorizada, e nem que essas narrativas colhidas dos feirantes possuem maior valor para a história e memória da Feira da Levada. Neste sentido, a memória, como ressaltado aqui não só constata a historicidade da feira, mas capta o esquecimento e invisibilização do grupo por meio do poder público. A região comercial da Levada possui um grande déficit na estruturação local, o que é uma questão relacionada a memória também, ela leva em conta a omissão referente a qualidade de vida do feirante e salubridade da estrutura do Mercado.

Os feirantes que fazem parte do Mercado, alegam que muitas vezes a adaptação é necessária naquele ambiente, o crescimento de um ramo da feira pode ir muito bem, levando aquele comerciante a um espaço maior e mais “confortável”, e mesmo assim sua memória é

influenciada pelo seu cotidiano anterior. Da mesma forma há adaptação de alguém que perde espaço dentro do Mercado, como por exemplo, a construção de uma nova estação para o VLT e alteração do trânsito local faz com que muitos comerciantes tenham que alterar e adaptar-se a um novo cotidiano.

Esses acontecimentos mais intensos também são participantes da memória coletiva da feira, o espaço ocupado pelo feirante pode passar despercebido por eles mesmos, e ao serem confrontados pelo poder público percebem a ligação profunda existente nesse espaço e o quanto um necessita do outro para funcionarem adequadamente. Os feirantes são impactados pelas perdas, de um colega ou vizinho de profissão, e diante disso pode haver uma modificação dos vizinhos e também do lugar. Ou seja, o grupo ao ser modificado, a memória coletiva também se altera, assim como a paisagem e o valor intangível de memória inserido nos objetos do local.

Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo que se sujeita e se adapta às coisas materiais que nele resistem (HALBWACH, 2011). Dessa forma, o espaço da feira e mercado da Levada tem imagem e paisagem construída pelo grupo que a promove, sendo assim podemos inserir as construções, arquitetura, organização urbana, objetos, mobiliários, até mesmo as pessoas e seus movimentos, pois compreendemos que a mesma localização pode ter mais de uma imagem, como na feira que nos dias e horários de funcionamento promovem uma imagem que engloba o fluxo de pessoas, barulhos, cheiros, bagunça, cores e a abundância de produtos em sua extensão, já nos momentos de em que ela não tenha atividade o local terá as características inversas e neste caso a ausência de pessoas que muda a sua imagem, já que grande parte das bancas e comércios permanecem no local.

O Mercado como espaço de valor social, cultural e físico, é um espaço que é aderente e que busca resistência, e essa resistência só é possível devido ao grupo que persiste e se adapta pelas continuidade de sua cultura e ofício. A partir das entrevistas nota-se o saudosismo relacionado às conquistas feitas por um grupo de feirantes unidos, e diante da possibilidade de novas problemáticas há uma complicação em manifestar-se devido a dispersão do grupo enquanto feirantes do Mercado. Neste sentido, percebemos campo para a futuras pesquisas em acompanhar as novas mudanças e depreender como as novas alterações irão modificar a memória, a cultura material, os ofícios, a corpografia e a produção do grupo.

O gesto e a feira

Ao ir de encontro com a feira numa percepção das dinâmicas cotidianas e seu envolvimento com as corpografias, os corpos e seus modos de fazer chamam atenção, especialmente no que se trata o presente trabalho onde esse gesto-movimento frequentes nas feiras se dão a partir de seus arranjos espaciais e estruturação, revelando essa corporeidade como criadora de caminhos próprios para suprir suas necessidades de forma a prover subsistência.

Segundo as autoras Jacques e Britto (2008), o estudo dos padrões corporais leva a leitura do espaço que esse corpo habita, compreende-se desse modo que as ações articuladas no ambiente da feira evidenciam a relação entre corpo e cidade, apresentado no termo da corpografia, construído por Jacques (2008) onde a autora desdobra esse conceito de que a experiência que fica inscrita, em diversas escalas de temporalidades no próprio corpo daquele que o experimenta, a partir da concepção de que observar as corpografias urbanas leva a caminhos percorridos inerentes, micro-políticas ou ainda à ações de resistência das massas, devido ao processo que se deu às cidades contemporâneas de distanciamento e empobrecimento das ações urbanas e coletivas. Trazer esse conceito para a análise da vivência na feira, discute também diretamente com os gestos que abordam as características relativas a esse “fazer” diário, incluindo ações que fogem do considerado comum, mas que se apresentam necessárias para a funcionalidade das atividades dos feirantes.

Quando se trata de ações comuns da feira, tratando-se especificamente da feira da Levada em Maceió, Alagoas esses gestos se evidenciam durante observações feitas no local. Para adquirir tais informações, propôs-se então a retomada do caminhar, através de errâncias urbanas, enquanto modo de aproximação com a cidade. A partir deste entendimento, acreditamos que o contexto que se apresenta condiciona uma vivência do cidadão neste ambiente e por isso define um efeito, uma grafia específica em seu corpo. Trabalhou-se com experimentações próprias da espacialidade da feira a partir de errâncias relacionais, nas quais se buscou registrar corpografias distintas, os gestos e práticas recorrentes na espacialidade da feira. Nas observações de forma livre e respeitando as dinâmicas de cada um dos que perpassam o espaço do perímetro do bairro analisado, começou-se então a perceber que dentre as corpografias observadas havia repetições gestuais entre os que por lá circulavam, os corpos presentes na feira criam caminhos e os mesmos estão em sua maior parte em movimento, mas ainda mais especificamente *levando, carregando, arrastando, puxando, segurando algo*, sendo essas algumas das ações comuns.

Fugindo então dessas atividades qualificadas como rotineiras, nas diferentes ocupações e vivências da espacialidade da feira é onde encontramos os tais gestos de resistência, podendo ser lidos como corpografias de persistência, produzidas pelos demais usos, feitos além do que se enquadraria como habituais. Esses são motivados pela necessidade singular e modo de inventividade de cada um, a partir do que possuem a sua disposição. É a necessidade que o fazem precisar reinterpretar as atribuições e ocupações na cidade e propor usos não previstos para a dinâmica do espaço urbano, reinventando continuamente a existência para assim se adaptar e se manter apesar dos mecanismos de opressão. Se leva em consideração também para o estudo o conceito de Certeau (1998) que recupera as astúcias do homem ordinário dos modos de fazer ou “táticas de resistência”, estabelecendo apropriações e usos do espaço, supondo o conceito estabelecido de tática, onde não se faz tentativas de enfrentar o dominante de frente, mas de preencher suas necessidades em forma ágil e esperta para a sobrevivência.

Essa linha de pesquisa, iniciada ao longo do projeto, ainda que não prevista inicialmente, permitiu englobar discussões acerca das persistências das marcas adquiridas e deixadas através desses gestos, tanto no âmbito das dores, esforços, adoecimentos e sobrecargas, mas também enquanto marcas emocionais, coletivamente vividas, construindo essa observação a partir dos modos de ação característicos dos feirantes, os considerando como atores sociais e produtores da história e da memória, não apenas como reprodutores de discursos, mas como agentes que reinterpretam esses discursos e deles fazem uso no seu cotidiano a partir de seus saberes específicos.

Em uma das idas à feira em busca de marcas que influenciasses os gestos e o modo que essas interações refletem nas corpografias do local, se obteve o relato de um feirante que nos abordou e nos contou um pouco de quando iniciou a exercer essa função e nos atentou para marcas e destroços na calçada em frente ao seu ponto, que as descreveu como sendo sobre a chegada da nova estação do VLT e como ela alterou drasticamente sua dinâmica de vendas e o descuido das autoridades em retirá-lo de seu local habitual, reafirmando a necessidade que eles precisam para desenvolver ações de forma articulada no ambiente da feira como forma de se adaptar e resistir.

Ainda no que se refere os relatos que foram acolhidos durante esse período de idas e entrevistas, muitas das pessoas que se dispunham a falar apresentavam marcas físicas e cicatrizes adquiridas nos anos de trabalho, havia relatos sobre terem se cortado, se machucado

ou algo semelhante durante as atividades de seu trabalho, mas este era um assunto de pouca ou nenhuma relevância, essas marcas do labor para elas por se tratar de algo muito natural, era vista como parte do processo de exercer o ofício de feirante, então se falava sobre isso, mas o assunto não se estendia. Enquanto que para marcas de acontecimentos, apesar de não serem compreendidas como tal, durante os relatos a maioria contou histórias marcantes que influenciam inclusive seus comportamentos na feira.

No quesito convivência, como nos foi relatado, há divergências dada ao local em que o feirante se encontra, na área externa ao galpão do Mercado da Produção a grande maioria falou sobre bom convívio e histórias com alegria e saudosismo, enquanto que na parte interna se fala muito sobre conflitos e discussões levando as pessoas a terem um outro comportamento. Outra marca muito citada por eles é a da chuva, onde os feirantes alegam uma grande diminuição das vendas nesse período devido às más condições que o mercado se encontra nesta época e devido a essa reputação muitos dos clientes não frequentam lá neste período, alterando toda a rotina deles.

O processo de entrevistas em campo serviu para que fosse possível conhecer as pessoas e entender como era a rotina delas, como era o percurso que elas faziam para chegar lá, o motivo pelo qual estas trabalhavam no mercado e assimilar realmente as coisas que se passavam pela visão deles. Analisar se as hipóteses pontuadas na primeira etapa de observação eram válidas e se havia coerência com a vida que eles realmente levavam.

Constatou-se que em sua maioria seus percursos são feitos a pé ou de bicicleta, mesmo que morem em bairros mais distantes. Apenas uma minoria que faz seu deslocamento de van, ônibus ou trem visto que eles afirmaram que era muito mais barato e prático fazer esse percurso a pé. Isso já demonstra elementos constitutivos da relação dos feirantes com os espaços de entorno da feira, dos ritmos de apreensão espacial e da familiaridade com os espaços. Outra análise produzida tratou das ferramentas e objetos utilizados também como recursos de suas ações, as corpografias e gestos que eles faziam durante toda a sua estadia no mercado. Dependendo da função exercida pelos entrevistados, eles tinham rituais a serem seguidos diariamente, e eram diferentes de acordo com a atividade com a qual eles trabalhavam. Como ocorria com a função de raizeiro, que por trabalhar com ervas e necessita aguar o material de tempo em tempo para que ele se mantenha fresco e com melhor aparência; na avícola, os feirantes executam o processo de abate dos frangos, de limpeza e higienização do local do abate e de venda; já na área de vestimenta a atividade e os

movimentos se relacionam com a organização e o posicionamento de roupas e dos manequins, seguindo a lógica e a intuição do feirante.

As ações dos corpos no mercado tendem a se organizar de forma que para os feirantes acaba refletindo no seu modo de lidar com as questões e imprevistos, eles atuam de forma práticos, usando de soluções simples para facilitar seu cotidiano. Ao adotar este pensamento e atitude em relação à experiência já adquirida no espaço da feira que se conhece tão bem, possibilidades e espaços de reformulação e resistência são gerados, repassados e responsáveis pela utilização do corpo como instrumento relacional com o ambiente, que resiste nos feirantes como cenário que viabiliza ao grupo mecanismos de defesa e persistência, seja na composição de uma junção de telhas para fugir do sol, como na necessidade de saber o bom posicionamento das coisas para que todos seus produtos sejam vistos.

O fazer na feira

Ao fazer a relação da atividade prática do fazer manual com a memória e o gestual destrinchados anteriormente, foi possível perceber o intangível existente na produção material, neste sentido compreender o homem como *homo faber* incumbe a discussão um caráter antropológico, entretanto cabe iniciar apontando os aspectos sociais e cultura como essenciais a esse debate.

Vilém Flusser (2007) aponta ser humano como um manipulador do espaço que o cerca e que a produção de cultura é o resultado de suas atividades, para o autor a atividade de compreender a relação do entre o natural e o artificial (manipulado pelo homem) é mais eficaz ao investigar as fábricas, que são os locais de produção de artefatos, e estudando-as pode ser encontrado aspectos da transformação de seu modo de manipular o ambiente dividida nos seguintes períodos: o uso da mão, ferramenta, máquina e atualmente dos aparelhos eletrônicos.

O autor insere que os períodos citados demonstram as alterações no modo de produção formal, que tem por início na produção de objetos através do uso da mão, que pela ótica do gesto compreende a ação e movimento corporal(gesto) realizado amplamente na atividade e que mais recentemente possui o uso da mão de forma limitada, minimizando o movimento corporal e o esforço, o que antes era um movimento que envolvia corpo e mão, agora utiliza apenas as pontas dos dedos no acionamento dos botões de aparelhos eletrônicos.

Entretanto, o fazer presente na feira difere do padrão produtivo industrial da alta tecnologia e dos aparelhos eletrônicos, neste sentido o *homo faber* que manipula a matéria e

realiza a produção dita como popular, trabalha com recursos materiais e técnicas produtivas *acessíveis*, neste sentido a produção popular representa uma realidade de produção diferente do mercado, podendo ser vista como primitiva dada a realidade da produção em escala industrial. A autoria também será peculiar, pois na maioria das vezes ocorre, no caso da feira, por feirantes que não possuem como ofício a produção de artefatos e nem possuem instrução para tal, o que torna a fábrica desse artífice transitória, no local em que o tempo e o espaço permitirem a atividade criativa, que podem ocorrer na própria feira ou na residência do autor, por exemplo. As bancas e barracas da feira são as produções mais perceptíveis desse grupo, no entanto com a produção orientada pela limitação, a manualidade do grupo tem grande expressividade por meio de remendos e reparos.

Essa maneira de produção da feira pode ser compreendida de modo mais amplo sob o conceito do *fazer fragmentado* que é observado na favela por Jacques (2007) e descrito pela autora como uma atividade que utiliza do material ao alcance do produtor, sendo eles: sucata, resíduos ou materiais de baixo custo e por não utilizar de materiais adequados ao “projeto” costumam precisar de reparos periodicamente, o caráter restritivo também faz com que a atividade seja feita em partes, tornando o processo de construção mais longo que resulta em mudanças do objetivo inicial e novas demandas no percurso dessa produção.

Também podemos observar a produção popular por meio do conceito da gambiarra, exposto por Bouffleur (2006 e 2013) como atividade ou produto realizado por meio de improviso, com utilidade/uso como objetivo e por ter como modo de produção o modo que seja acessível ao artífice, o autor indica esse tipo de produção como modo de subverter o design e a indústria. Essa produção subversiva indicada pelo autor, ao ser relacionado com os períodos de cada modo de produção indicados por Vilém Flusser, percebe-se maior proximidade com o modos de produção que utilizam da mão e de ferramentas indicando o uso de modos de produção primordiais, a industrialização por utilizar em sua maioria uma produção focada no eletrônico/tecnológico, torna a atividade de produção do artífice popular uma produção excêntrica quando comparada ao modo formal.

Acerca da matéria prima utilizada, Flusser ao descrever o panorama da produção do homem como *homo faber* insere que “Fabricar significa apoderar-se [...] de algo dado na natureza, e convertê-lo [...] em algo manufaturado, dar-lhe uma aplicabilidade [...] e utilizá-lo”(FLUSSER, 2007. p.36). Consideramos que essa conceituação da manufatura não abrange a atividade que descrevemos aqui, pois na contemporaneidade, principalmente em

grandes centros urbanos, a sucata, o lixo e os materiais descartáveis são tão abundantes no dia a dia do homem que torna a produção a partir destes materiais muito mais acessíveis do que a matéria prima advinda da natureza. O uso de materiais manufaturados na atividade construtiva são observados por Bouffleur (2006 e 2013) e por Jacques (2007), onde essa produção é relacionada a uma atividade construtiva que busca subsistência e melhorias no cotidiano do grupo, isso demonstra a criatividade popular e a inventividade como importantes ferramentas para contornar os mecanismos de opressão.

A realização destes inventos ocorrem pela capacidade de materializar a imaginação, onde mecanismos e artefatos assimilados, tem seus usos modificados em diferentes complexidades. Essas maneiras de fazer e usar são símbolos da demanda que só tem resolução por meio da própria atuação no problema resultando assim em uma produção que demonstra aspectos da persistência popular.

Neste sentido, entendemos a figura do *homo faber* como sujeito de atividade prática que trabalha com improviso e que em sua limitações se torna a figura de um artífice, conhecedor de seus materiais e das potencialidades de transformar o que encontra em artefatos utilitários, facilitadores de seu labor cotidiano. Como indivíduo a concepção de seus produtos percorre suas vivências, seu conhecimentos prévios e memórias, nota-se a criatividade resultante da identificação de função e forma em produções como o prego que se torna um gancho, o saco de farinha que cobre as frutas, o guarda sol se torna coberta e o caixote se torna superfície de exposição de produtos, no entanto também é possível encontrar objetos que mostrem as particularidades individuais, como a utilização de um isopor como expositor de vassouras ou um expositor de havaianas em um expositor de chapéus.

Percebendo assim que cada artífice utiliza de suas concepções, práticas, saberes, memórias e memórias corporais na atividade produtiva, bem como as condições de disponibilidade de materiais, ferramentas e máquinas e caso não tenha o que é necessário ao projeto possui capacidade de improviso e de adaptação. Desse modo, percebe-se a persistência e tática como elementos intrínsecos a cultura material criada pelo grupo.

Memória, gesto e o fazer

Ao elucidar a memória, o gesto e o fazer e sua relação com o ambiente popular da feira, evidenciando a persistência e capacidade de adaptação como elementos presentes nestes diferentes assuntos, percebemos que estes assuntos na realidade condizem com etapas de uma produção material e por estarem contidos nas etapas de manufatura, o artefato resultante

desse processo carrega todas essas características intangíveis. Sendo assim, percebeu-se a partir do entendimento da memória pessoal que os objetos são incubidos de carácter simbólico, nos quais o uso, a durabilidade e a afetividade que o possuidor do objeto incube a ele, resulta em sua função de ser portador de memórias, identidade e recordações.

Tais objetos também representam o uso e a atividade laboral em que são usados, dessa forma compreende-se como inerente ao artefato seu manuseio e tal atividade entre homem e artefato resultam em indícios desta ação em ambos, no objeto é apresentado por meio de seu desgaste, já no homem através de marcas, englobando os acidentes contidos no trabalho, as marcas, cortes, calos, o corpo que se molda a atividade e as marcas emocionais. Compreender que estas atividades só se realizam pelo acúmulo de um saber, de um modo de tratar, de um jeito de manejar, de um meio de fazer e de se comunicar que indicam vínculos tradicionais com um saber construído pelos corpos.

De forma mais comum encontramos também nos artefatos os vestígios de seu modo de produção, evidenciando seu produtor, modo de manufatura, que abarca o quadro material e de ferramentas, as características sociais e o contexto em que ele foi produzido. Ao trabalhar com o ambiente da feira da Levada foi introduzido o conceito de gambiarra e do fazer fragmentado, agregando a produção o viés de reaproveitamento dos resíduos materiais, compreendendo que há espaços em que esses resíduos estão em maior abundância que a natureza. Aguçando o entendimento das questões cotidianas vividas na feira, as belezas das atividades e muito no que se refere a questão da inventividade que permeia o ambiente e ao mesmo tempo a não romantização da situação, reconhecendo as dificuldades que se evidenciam na precariedade da infraestrutura.

Isso demonstra que os estudos acerca da cultura material há diversas possibilidades de desdobramentos, de modo a compreender os aspectos do funcionamento a partir da visão de quem utiliza, mas principalmente de quem faz parte e está construindo o espaço e os modos de apropriação do mesmo. Se dá então a contínua percepção do processo criativo como atividade contínua de experimentação e discussão conceitual e os mesmos se relacionam proporcionando uma visão global das características que um artefato pode significar, essa visão traz um ponto de vista arqueológico ao inserir as interpretações de usos e o relacionamento simbólico entre homem e objeto, mas também insere o carácter antropológico, acerca da importância da feira para a comunidade que a vive todos os dias como sendo traço significativo da identidade coletiva.

Compreendendo as características intangíveis que o objeto carrega pós concepção, cabe ressaltar que também se pode compreender de forma inversa, como exposto inicialmente, o artífice como inventor de artefatos imputa ao que produz, segundo Sennett (2015), sentimento e pensamento, ao ressaltar elementos externos ao planejamento projetual, percebe-se a forma que as características pessoais se apresentam nos produtos finais. O artefato finalizado, neste sentido, resulta das particularidades humanas, do corpo com suas marcas e movimentos individuais, da memória e seus saberes adquiridos em vivências e aprendizados parentais e cotidianos de seu produtor. No entanto, como demonstrado será objeto que moldará novos corpos, carregará outras memórias e poderá vir a ser matéria prima de novos objetos, tornando-se parte do ciclo da cultura material e suas simbologias.

Referências:

- ALMEIDA, Iria Rocha Cavalcante de. **Um espaço em transformação**: a relação espacial entre CEASA/AL, feira livre e Mercado da Produção, Maceió, Alagoas. Anais... In: II Colóquio [Inter]Nacional.
- BOUFLEUR, Rodrigo. **A Questão da Gambiarra**: Formas Alternativa de Desenvolver Artefatos e suas Relações com o Design de Produtos, 153 p, Tese de Mestrado (Design e Arquitetura) FAU-USP, São Paulo, 2006.
- BOUFLEUR, Rodrigo Naumann. **Fundamentos da Gambiarra**: A improvisação utilitária contemporânea e seu contexto socioeconômico. 2013. 252 p. Tese de doutorado (Arquitetura e Urbanismo)- USP, São Paulo, 2013.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: Ensaios De Psicologia Social. São Paulo: Atelie Editorial, 2003
- CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**: Artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2011.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural Na Pós Modernidade**. Editora DP&A, 1992.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidade e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003
- JACQUES, P. B.; Britto, F.D. . **Cenografias e corpografias urbanas**: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, v. esp, p. 79-86, 2008.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas**. Arqutextos, São Paulo, ano 8, n. 093.07, Vitruvius. fev. 2008
- <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/08.093/165>>
- JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da Ginga**: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. 160 p.
- NORA, Pierre. **Entre história e memória**: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p.7-28,1993.
- SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado**: Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Blucher, 2007.224p.